

Xerente não arreda pé da terra natal

Os Xerente não arredam pé das terras onde seus antepassados um dia foram felizes, onde a lembrança foi enterrada e brota viva na memória. Porque mesmo hostilizados por fazendeiros brancos, abandonados pela Funai, os Xerente da aldeia Funil não aceitam a idéia de serem encurralados numa área demarcada pela Funai. Mas também não querem derramamento de sangue na solução destas questões. Como o velho cacique Chico Inácio afirmou para a enviada especial do DIÁRIO DA MANHÃ, Lúcia Pedreira, os Xerente pretendem resolver tudo de maneira mais civilizada: em paz.

Abandono. Esta é a situação em que se encontra a aldeia Funil, da tribo Xerente, que está fora da reserva demarcada pela Funai. Os dois velhos caciques, Brasilino e Chico Inácio, desejam que a terra onde vivem os seus seja delimitada, para que fazendeiros não se sintam no direito de apropriar-se dela. Mas esta esperança está acabando, e, a cada dia, se reforça a conclusão de que não adianta esperar a decisão do órgão-tutor. Eles se recusam a mudar para a área demarcada, alegando que não deixarão o lugar onde viveram seus antepassados. Aqui, guardamos muita lembrança, é nossa terra", comenta Chico Inácio.

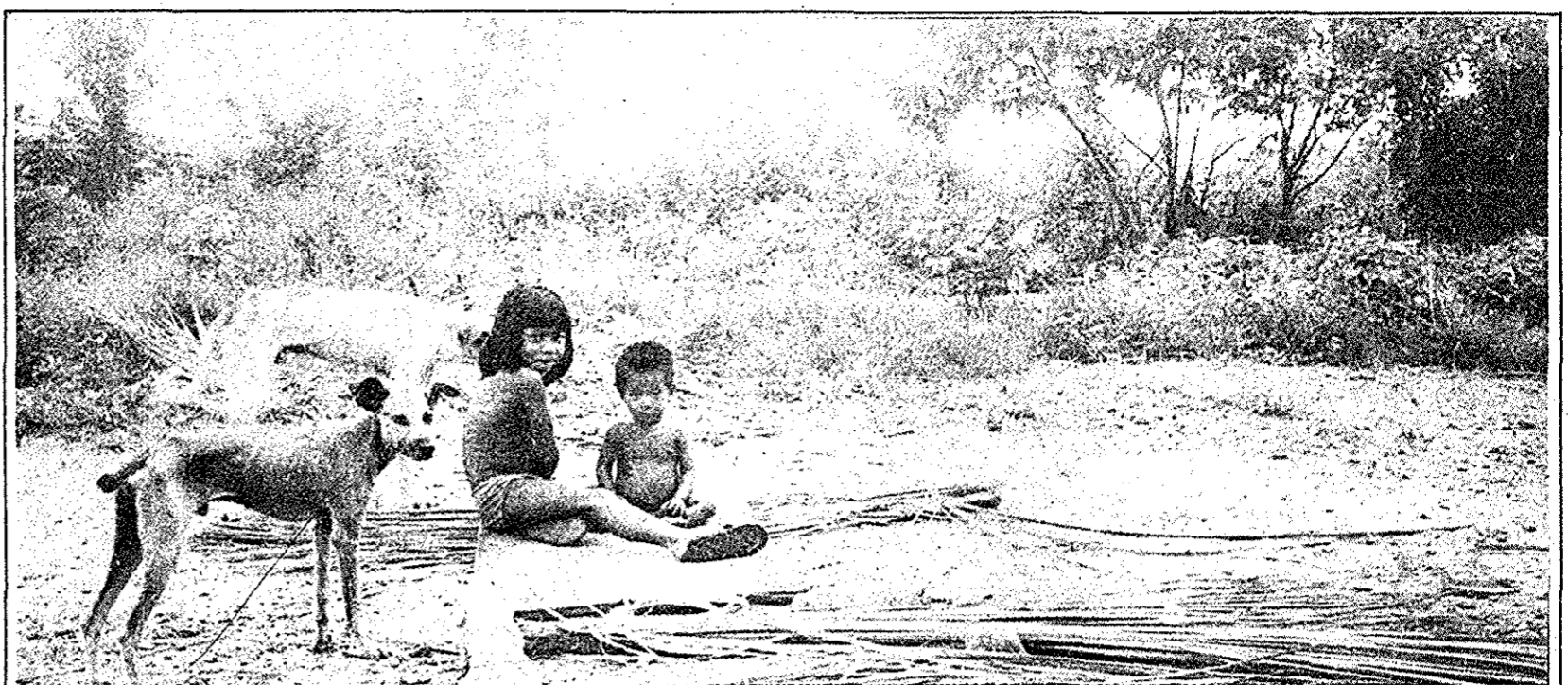
Em outras ocasiões não abriram mão, e eles mesmos forçaram os posseiros a saírem da área. Mas, agora, os Xerente desta aldeia querem solucionar o problema pacificamente, para evitar a morte de índios. José Araújo Filho, funcionário da Funai que trabalha no local, concorda plenamente com eles, e acrescenta que o órgão federal não vem prestando qualquer benefício a aqueles índios. Uma enfermaria existe na aldeia, mas quase não há mais remédios para o tratamento dos doentes.

Com muito esforço, velhos e crianças plantaram este ano 25 hectares de arroz, para suprir suas necessidades por alguns meses. A caça e a pesca desapareceram nesta área, e eles não se arriscam também a sair pelo mato, temendo ameaças dos fazendeiros. Segundo os índios, há cerca de 10 propriedades particulares próximas da aldeia. E não somente os fazendeiros não gostam dos Xerente. Em Tocantina, a comunidade não convive bem com eles. São comuns os comentários pejorativos sobre seus costumes e seu comportamento.

Os índios daquela aldeia perderam o direito de andar livremente pelo mato naquela região, pois está cercado de fazendas. "Temos medo de sair por aí, as pessoas não gostam da gente. Se algum gado de um fazendeiro some, somos acusados. Mas nós também sabemos lutar pelo que é nosso e vamos resistir. Ninguém vai sair daqui", fala o velho cacique Chico Inácio. Por alguns instantes sai da casa, anda um pouco, olha toda a aldeia, e reafirma: "Vamos ficar".



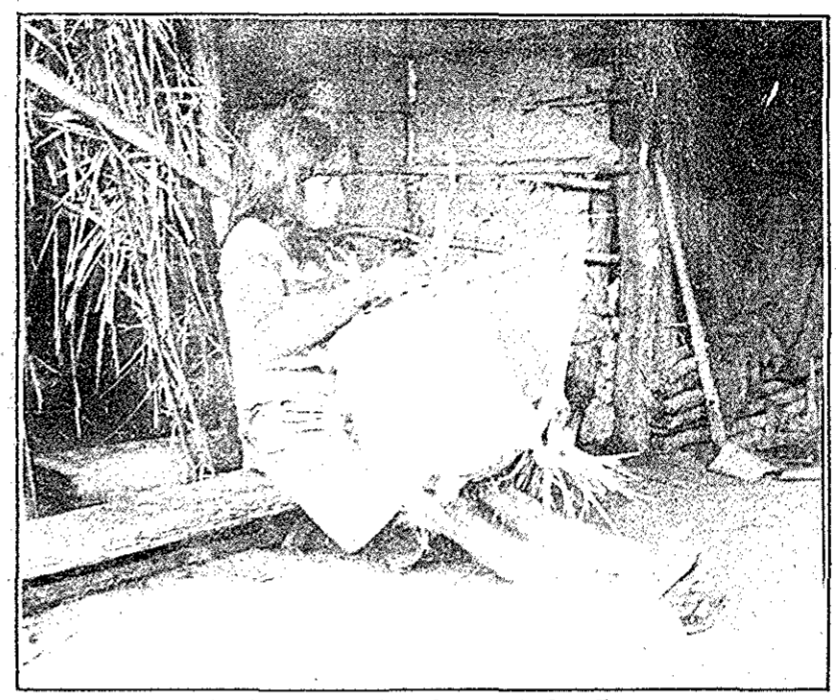
Desesperado este povo reivindica a demarcação da terra



Crianças Xerente brincando na esteira



Gerson, o segundo cacique, em sua casa tomando café

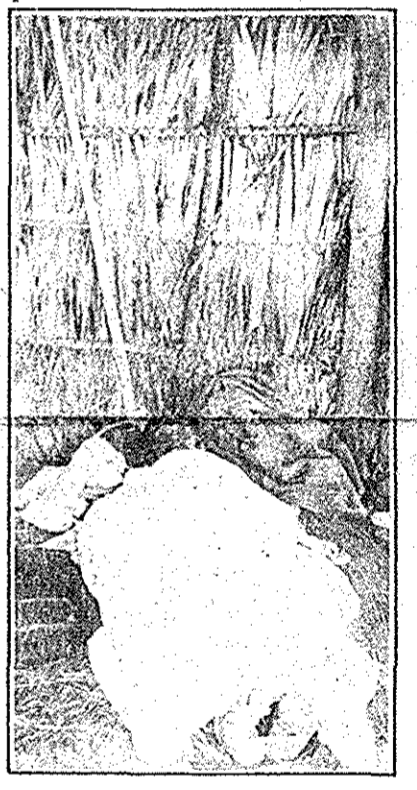


Mulher Xerente fazendo um cofo de palha

Fim da vida de Benjamin

No dia 26 de março morreu Benjamin, um velho índio com 75 anos de idade. Ele passou quase 30 anos tuberculoso. Nos últimos tempos, vivia só em uma casinha de palha, esperando a morte chegar. As vezes, tomava alguns medicamentos, mas estes não valeram para curá-lo, e ele até sonhou com o fim naqueles dias. Contou para outros índios que estava "perto de morrer". E, no sábado, já cansado de tanto carregar a amargura da doença, deu o último suspiro.

O velório não seguiu qualquer ritual. Seu corpo foi estendido em sua esteira, no chão, coberto por um lençol branco. Poucos choraram a perda do companheiro, porque o seu sofrimento tinha sido grande. Em seu rosto, marcas profundas que, segundo narrou alguns dias antes, foram pancadas que sofreu quando fez uma viagem em sonho: "Era o aviso da morte". A tarde, os índios continuaram a vigília e, antes do anoitecer, sepultaram-no, nas proximidades da aldeia.



Benjamin estendido no chão

A exigência da demarcação

Na aldeia Funil, em 1979, os índios exigiram uma posição da Funai sobre a demarcação da área. E, então, uma equipe se dirigiu ao local para providenciar a delimitação da terra. A população de Tocantina, contrária a esta atitude, achou por bem merecer uma explicação do que se passava. O então prefeito Raimundo Arruda Bucar organizou uma comissão para manter contato com os funcionários da Funai. Com isso, foram arrancados os piquetes da marcação, já determinada pela equipe do órgão, e, neste dia, o trabalho foi suspenso. Os funcionários encarregados da demarcação telefonaram a Brasília pedindo reforço. Segundo o pároco da cidade, soldados do Exército, armados de metralhadoras, cercaram Tocantina. O prefeito novamente convocou uma reunião com algumas pessoas temendo que a situação se agravasse. De acordo com o padre, a comunidade não estava contra os índios, mas julgava que eles possuíam uma vasta área para abrigá-los (a reserva). "Os tocantinenses consideram que, caso demarquem a aldeia, ela atingirá o patrimônio da cidade, que está quase cercada pela demarcação", justificou.

ACORDO

O prefeito tentou um acordo com a Funai, sem sucesso, e pediu

auxílio da Polícia Militar de Araguaína. Logo, soldados se instalaram em cada esquina da cidade. Diante deste clima de tensão, chegou-se à conclusão que se deveria estudar mais o problema e assim ficou. Até hoje os índios reivindicam a área, e, por outro lado, há resistência da população de Tocantina.

No ano passado, surgiu nova esperança para os indígenas, quando a Funai encaminhou alguns funcionários ao local, mas o prefeito voltou a intervir e novamente o trabalho ficou na estaca zero. A equipe fez um levantamento dos fazendeiros que ocupavam aquela região e se constatou que mais de 10 posseiros vivem ali. Muitos, inclusive, há mais de 30 anos. Mas o problema é que alguns vendem suas posses a fazendeiros que chegam de outros estados à procura de terra fértil. E devido à demora para solucionar o impasse, os índios da Funil estão convencidos de que somente depois de algum conflito é que a Funai providenciará a demarcação. Em 1876, por exemplo, os índios do Posto Xerente se rebelaram e brigaram com um fazendeiro, que há 50 anos vivia no local. Vários Xerente ficaram feridos e, nesta ocasião, cerca de 200 famílias de posseiros saíram da área.

Se índio sai está perdido

"Xerente não pode mudar para a cidade, porque acaba o índio, acaba a aldeia, acaba tudo", disse Gerson. Por ser cacique, viaja mais que os outros índios. Na maioria das vezes, para Brasília, procurando resolver problemas ligados à tribo. Agora, reclama das 46 famílias de posseiros que estão morando na área demarcada. Segundo ele próprio, trata-se de pessoas pobres, "sem condições de comprar um pedaço de terra". Não há conflito na região, pelo contrário, todos convivem muito bem, com eles. Mas a preocupação de Gerson é com a preservação da área, que possui muita madeira de lei, e o raríssimo pau-brasil utilizado pelos Xerente em seu artesanato: a borduna e o arco.

Lembra o cacique que em 81, no Posto Indígena Xerente, a maior aldeia da tribo, funcionários da Funai venderam madeira e arrendaram terras a um fazendeiro. "Comunicamos à 7ª Delegacia Regional do órgão e nos disseram que tinham conhecimento do caso. Desautorizamos que o negócio foi autorizado por eles".

PARENTE DOS XAVANTE

Antes do contato, os Xavante e os Xerente viviam juntos no Estado de Goiás — contam os Xerente. Dizem que, há anos, os pajés Xavante fizeram uma prece e derrubaram uma arara que passava pelo local naquele momento. Disputando a sabedoria, os pajés da tribo Xerente fizeram com que um jacaré saísse do rio e viesse para o pátio, no centro da aldeia, onde eles estavam concentrados.

Com isso — narram os índios — os Xavante ficaram com medo dos Xerente e caminharam até o rio Araguaia. Atravessaram-no, e, quando muitos já se encontravam do outro lado, um boto apareceu no meio do rio e os Xerente não tiveram coragem de se lançar na água, temendo o bicho. Dessa forma, eles justificam a separação das duas tribos. Elas têm muitas características comuns, expressões idênticas, traços físicos semelhantes. Pertencem a um ramo dos Jês centrais, constituído pelas duas tribos.

Uma estranha na tribo

A minha chegada a Aldeia Nova não trouxe clima de constrangimento. Os índios ficaram curiosos para saber o motivo da visita. Cheguei de tarde, a cavalo. As crianças se aproximaram e rapidamente me cercaram. A cada pergunta que lhes dirigia, elas sorriam, parecendo que tudo era muito engraçado.

da roça de arroz. Um assunto muito badalado entre eles, nesta época do ano, quando se preparam para a colheita. Há uma roça comunitária, com dois alqueires plantados, como parte do projeto de agricultura implantado pela Funai

À noite, apresentei-me ao segundo cacique, Gerson — o primeiro estava ausente —. Ele foi amável, se dispôs a prestar qualquer tipo de informação. No dia seguinte, conversamos durante muito tempo, e fez questão de que eu ouvisse a opinião dos outros índios. Logo depois, muitos queriam falar da sua vida, da aldeia e, principalmente,

Após um dia de convivência com estes índios, eu já não era mais uma estranha. Sabiam meu nome e convidavam-me para ir às suas casas. Quando os visitava, se estavam comendo qualquer coisa, ofereciam-me uma parte. Tive a oportunidade de apreciar o famoso beiju grolado, nome que deram ao beiju que fazem, por este ficar cheio de bolas. (L.P.).